

O PERFIL EMPREENDEDOR, A CAPACIDADE EMPREENDEDORA E A INTENÇÃO EMPREENDEDORA DE ALUNOS DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA

ENTREPRENEURIAL PROFILE, ENTREPRENEURIAL CAPACITY AND ENTREPRENEURIAL INTENTION OF STUDENTS AT A PUBLIC UNIVERSITY

Recebido em 14.10.2023 Aprovado em 27.10.2023

Avaliado pelo sistema double blind review

DOI: <https://doi.org/10.32888/cge.v11i3.60235>

Gustavo da Rosa Borges

gustavodarosaborges@gmail.com

Programa de Pós-Graduação em Administração/Universidade Federal do Pampa – Santana do Livramento/RS, Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-9869-376X>

Caroline Ferreira Mainardi

carolinemainardi@unipampa.edu.br

Universidade Federal do Pampa – Dom Pedrito/RS, Brasil

<https://orcid.org/0009-0006-5369-5020>

Rayssa Marçal

rayssa_dp@hotmail.com

Universidade Federal do Pampa – Dom Pedrito/RS, Brasil

Resumo

Empreendedorismo é uma temática que faz parte do mundo dos negócios e dos currículos universitários de alguns cursos. Entretanto, poucos trabalhos buscaram medir a eficácia de disciplinas de empreendedorismo na universidade. Portanto, o presente artigo buscou analisar se alunos que fizeram a disciplina de empreendedorismo possuíam um maior perfil empreendedor, capacidade empreendedora e intenção empreendedora. Por meio de estatística multivariada em uma amostra de 109 alunos da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), descobriu-se que a princípio, a disciplina de empreendedorismo e o tipo de curso não influenciam o perfil empreendedor, a capacidade e a intenção empreendedora. Por outro lado, a intenção empreendedora é mais intensa para quem possui um negócio.

Palavras-chave: Perfil Empreendedor; Capacidade Empreendedora; Intenção Empreendedora; Universidade.

Abstract

Entrepreneurship is a topic that is part of the business world and the university curricula of some courses. However, few studies have sought to measure the effectiveness of entrepreneurship courses at universities. Therefore, this article sought to analyze whether students who took the entrepreneurship course had a greater entrepreneurial profile, entrepreneurial capacity and entrepreneurial intention. Using multivariate statistics on a sample of 109 students from the Federal University of Pampa (UNIPAMPA), it was discovered that, in principle, the entrepreneurship discipline and the type of course do not influence the entrepreneurial profile, capacity and entrepreneurial intention. On the other hand, entrepreneurial intention is more intense for those who own a business.

Keywords: Entrepreneurial Profile; Entrepreneurial Capacity; Entrepreneurial Intention; University.

Introdução

Nas últimas décadas começou uma nova fase no sentido de dar mais valor às ações empreendedoras e apostar nelas para que as empresas tenham um melhor desempenho (Kuratko, Ireland e Hornsby, 2001). Cabe ressaltar que o valor empreendedor está amplamente pautado na atuação dos indivíduos, no qual podem se beneficiar aprimorando a sua capacidade empreendedora, facilitando a resolução de problemas, adaptação a mudanças, maior autoconfiança e desenvolvendo de criatividade e imaginação (Jones e English, 2004).

O empreendedorismo é um instrumento importante que contribui para o aumento da produtividade, competitividade e na geração de novos postos de trabalho (Ahmad e Hoffman, 2008). Por este motivo, mais organizações começaram a executar programas de educação para o empreendedorismo, inclusive universidades, sendo que nos Estados Unidos, o número de programas de educação empreendedora aumentou consideravelmente na virada do século (Kuratko, 2005). Além de organizações e universidades, o Estado também é um importante agente e propulsor para a promoção do empreendedorismo (Dolabela, 1999; Aguiar, 2013; Gonçalves e Cóser, 2014).

Em vista de sua importância pública, a formação de empreendedores tem sido pauta das estratégias governamentais nas três esferas públicas: Federal, Estadual e Municipal (Rocha e Freitas, 2014). Em relação à esfera federal, o governo Brasileiro tem buscado incluir práticas de empreendedorismo na universidade, tanto de uma forma direta como indireta. Um dos exemplos existentes em relação às ações indiretas é o programa Educação Empreendedora do SEBRAE, que busca difundir práticas empreendedoras nas salas de aula, tanto no ensino básico, como no ensino fundamental, técnico e superior (SEBRAE, 2018).

No que diz respeito a ações diretas de ensino, universidades têm buscando oferecer cursos e programas de empreendedorismo (Dolabela, 1999; Ferreira, 2003; Jones e English, 2004; Hecke, 2011; Miranda; Chamorro-Mera e Rubio, 2017; Barba-Sánchez e Atienza-Sahuquillo, 2018; Esfandiar et al., 2019). A inclusão do ensino de empreendedorismo nas universidades brasileiras é apenas um pequeno passo, pois se faz necessário criar uma cultura empreendedora na sociedade, e para isso o tema precisa ser apresentado e discutido desde os primeiros níveis da educação (Dolabela, 1999).

Gonçalves e Cóser (2014) mencionam que as universidades brasileiras ainda não assumiram inteiramente a missão de empreendedoras, mas alguns passos foram dados nessa direção, por meio de mecanismos e regulamentações governamentais (Dolabela, 1999; Jones e English, 2004; Hecke, 2011).

Lopes (2010) destaca que universidade possuem três maneiras básicas de promover o empreendedorismo a seus alunos: (1) oferecer disciplina na grade curricular dos cursos, (2) oferecer modalidade de complemento às disciplinas ou (3) oferecer atividades extracurriculares. Embora haja mais de uma forma de oferecer o empreendedorismo aos alunos, talvez a forma mais tradicional de atuação direta das universidades em vistas a despertar o empreendedorismo de alunos é oferecer disciplinas de empreendedorismo em cursos de graduação (Dolabela, 1999; Jones e English, 2004; Hecke, 2011).

Em um dos poucos estudos sobre a temática, Martens e Freitas (2008) pesquisaram a influência da disciplina de empreendedorismo sobre a intenção empreendedora de universitários em Lajeado-RS e descobriram que de fato, a disciplina de empreendedorismo aumenta a intenção empreendedora. Estudos similares foram feitos e confirmados por Carvalho e González (2006), Rocha, Silva e Simões (2012), Osório e Roldan (2015). Além da intenção empreendedora, é desejável que futuros empreendedores possuem perfil e capacidade empreendedora.

A influência das atividades de empreendedorismo sobre o perfil empreendedor foi confirmada por Rocha e Freitas (2014); por outro lado, não observou estudos que confirmassem a relação entre oferecimento de atividades empreendedoras sobre a capacidade empreendedora.

Assim sendo, o presente artigo tem por objetivo responder à seguinte indagação: alunos que fizeram a disciplina de empreendedorismo possuem um maior perfil empreendedor, capacidade empreendedora e intenção empreendedora em relação aos que não fizeram?

Portanto, o objetivo do presente estudo é analisar se alunos que fizeram a disciplina de empreendedorismo possuem um maior perfil empreendedor, capacidade empreendedora e intenção empreendedora em relação aos que não fizeram.

Como objetivo secundário, verificar-se-á se o perfil empreendedor, a capacidade empreendedora e a intenção de empreendedorismo são mais intensos para quem já possui um negócio e para quem estuda Agronegócios (um curso de gestão).

Teoria Utilizada

As empresas cada vez mais buscam adotar uma postura mais proativa de seus colaboradores sendo que uma das maneiras de despertar isto é fazer com que os colaboradores tenham uma atuação mais empreendedora. Por este motivo, nas últimas décadas, gestores começaram a investir em programas que estimulem o empreendedorismo, apostando neste, como um propulsor ao melhor desempenho (Kuratko, Ireland e Hornsby, 2001). “O sujeito empreendedor é aquele que não mede esforços para abrir e administrar seu próprio negócio, gerando emprego e renda para a sociedade” (Rocha e Freitas, 2014, p. 482).

Já o empreendedorismo, trata-se de um fenômeno provocado por uma ação que exige do empreendedor um protagonismo, no qual ele tenha a habilidade de promover processos que movem uma ação empresarial (Rocha e Freitas, 2014). Mediante a importância da temática em discussão, empresas e universidades devem desenvolver atividades que estimulem o empreendedorismo, sendo que as universidades podem inclusive, investir no desenvolvimento de currículos e educadores com intuito de despertar mais a autonomia, o pensamento estratégico e o trabalho em equipe por parte dos alunos (Esfandiar et al., 2019).

Em relação às universidades, estas têm buscado desenvolver práticas de empreendedorismo e isto tem ocorrido por meio de parcerias (indiretamente) e o fato de universidades oferecerem disciplinas, práticas e até mesmo cursos de empreendedorismo (diretamente) (Dolabela, 1999; Ferreira, 2003; Jones e English, 2004; Hecke, 2011; Chamorro-Mera e Rubio, 2017; Barba-Sánchez e Atienza-Sahuquillo, 2018; Esfandiar et al., 2019). Cabe ressaltar que a intenção empreendedora não é mais uma prerrogativa apenas de cursos ligados à Administração, em obstante, ela faz parte de quase todos os cursos, sendo uma oportunidade de alunos reverterem uma situação econômica desfavorável (Barba-Sánchez e Atienza-Sahuquillo, 2018).

Como destacado, um das formas que a universidade tem de oferecer práticas empreendedoras aos alunos é por meio de disciplinas. Neste caso, o currículo dos cursos contempla disciplinas referentes ao empreendedorismo dos graduandos. Talvez se faça necessário intensificar ou alterar a maneira como essas disciplinas vêm sendo trabalhadas, já que isto pode acarretar em uma maior intenção empreendedora por parte dos alunos (Hecke, 2011).

Uma das maneiras de estimular o empreendedorismo é fazer com que as pessoas tenham um perfil empreendedor, uma capacidade empreendedora e uma intenção de empreender, tópicos estes abordados a seguir.

Perfil Empreendedor

Sieger et al. (2016) realizaram um estudo com fundadores de empresas em 34 países e alocaram estes empreendedores em três estilos: (1) os que buscam se envolver com outras pessoas para criar negócios, (2) os que são entusiasmados por uma identidade social e (3) os que seguem seu interesse pessoal; sendo que os que buscam se envolver com outras pessoas para criar seus negócios tendem a ter uma relação com os que são entusiasmados por uma identidade social. Ou seja, empreendedores que seguiram seu interesse pessoal não necessariamente seguem uma doutrina de relações, tanto interna quanto externa.

Por meio das evidências de Sieger et al. (2016), acredita-se que:

H1: pessoas que possuem um negócio têm um mais intenso perfil empreendedor.

Os autores ainda descobriram haver uma tendência de estudantes de negócios possuírem o perfil de seguir seu interesse pessoal, talvez porque universidades estimulem mais a competição ao invés da cooperação, especialmente em cursos ligados à Administração; portanto, acredita-se que:

H2: alunos que realizam Agronegócio possuem um mais intenso perfil empreendedor.

O perfil empreendedor é algo que vem sendo desejado por universidades de diversos países desde o final do século passado, sendo que algumas delas têm articuladas ações internas e externas com intuito de promover o empreendedorismo e despertar o perfil empreendedor (Kalar e Antoncic, 2015).

Por outro lado, Rocha e Freitas (2014) acreditam que o perfil empreendedor possa ser ensinado, e isto pode ocorrer à alunos de qualquer curso, talvez por este motivo, universidades estão se interessando em desenvolver práticas que instiguem o perfil empreendedor. Kalar e Antoncic (2015) descobriram que o ideal é que a universidade busque ela mesma promover o empreendedorismo, oferecendo aos alunos ambientes e situações que despertem o perfil empreendedor.

Portanto, diversos estudos buscaram verificar como as universidades têm trabalhado com este enfoque, alguns deles (Schmidte e Bohnenberger, 2009; Rocha Silva e Simões, 2012; Rocha e Freitas, 2014), destacados na sequência.

Schmidt e Bohnenberger (2009) mediram o perfil empreendedor em universitário de Novo Hamburgo (RS) e descobriram que a característica empreendedora está significativamente relacionada ao desempenho do próprio negócio e a auto-realização pessoal.

Rocha Silva e Simões (2012) estudaram o comportamento de alunos de Portugal e concluíram que os estudantes que têm uma maior capacidade de criação e concretização de projetos empreendedores, bem como vontade de vencer, têm uma maior propensão para criarem o próprio negócio.

Rocha e Freitas (2014) estudaram o perfil empreender de universitários em Fortaleza-CE e descobriram que alunos no qual participaram de atividades de empreendedorismo na universidade apresentaram alterações significativas no seu perfil empreendedor. Esta constatação reforça o surgimento da primeira hipótese investigativa deste trabalho:

H3: alunos que fizeram a disciplina de empreendedorismo têm mais perfil empreendedor.

Percebe-se ainda, que alunos que possuem um perfil empreendedor, tendem a possuir mais intenção empreendedora (Rocha, Silva e Simões, 2012), assunto este, a seguir destacado.

Capacidade Empreendedora

As capacidades empreendedoras consistem no corpo de conhecimento, área ou habilidade, qualidades pessoais ou características, atitudes ou visões, motivações e desejos futuros que, de diferentes formas, podem contribuir para o pensamento do negócio ou ação futura para o negócio (Zampie e Takahashi, 2011). Trata-se de uma busca na qual o empreendedor ao colocá-la em prática, envolva em fenômeno social e busque melhorias a uma determinada situação (Ferreira, 2003).

“Quando um indivíduo tem capacidade empreendedora, ou seja, tem competência, capacidade e vontade, pode-se desenrolar a oportunidade de criação de uma nova empresa” (Almeida, 2003, p. 68). Talvez por isto, Dolabela (2004) defenda a ideia de que a capacidade empreendedora é uma herança genética, na qual, deve ser estimulada pelas universidades. Corroborando com esta ideia, Cunha Jr. (2009) destaca que a capacidade empreendedora diz respeito ao um talento natural que uma pessoa tem.

Ferreira (2003) analisou a capacidade empreendedora de empresários Catarinenses e descobriu que empreender está relacionado com a oportunidade e o quanto os profissionais estão preparados para serem empreendedores. Já Cunha Jr. (2009) realizou outra pesquisa com empresários e descobriu que a existência da capacidade empreendedora foi um dos motivos de sucesso de pequenas empresas da Paraíba. Tais constatações sugerem a seguinte questão:

H4: pessoas que possuem um negócio têm uma mais intensa capacidade empreendedora.

Parece, deste modo, interessante investigar a figura do aluno como potencial empresário, como uma pessoa que identifica uma oportunidade, cria um novo negócio e é capaz de reunir os recursos necessários face ao risco e

incerteza, com a finalidade de obter lucro e fazer crescer o negócio (Scarborough e Zimmerer, 1993). Entretanto, não foram entrados trabalhos que mensurassem especificamente a capacidade empreendedora de alunos. Já Almeida (2003), percebeu que a capacidade empreendedora deriva do meio social, portanto, existe a crença de que no que se refiram aos alunos, eles possam ter uma capacidade empreendedora mais aguçada se lhe for oferecida a disciplina de empreendedorismo. Portanto, acredita-se que:

H5: alunos que realizam Agronegócio possuem maior capacidade empreendedora.

H6: alunos que fizeram a disciplina de empreendedorismo têm mais capacidade empreendedora.

Intenção Empreendedora

O sujeito empreendedor é aquele que coloca em prática seu ideal, conforme destacado por Rocha e Freitas (2014). Assim, acredita-se que pessoas empreendedoras tenham tido ou possuem ainda, uma intenção empreendedora; portanto, chegou-se a seguinte definição:

H7: pessoas que possuem um negócio têm uma mais intensa intenção empreendedora.

Hecke (2011) estudou a intenção empreendedora de alunos de Ciências Contábeis e Administração em Curitiba (PR) e descobriu que alunos concluintes destes distintos cursos possuem diferentes perfis empreendedores. Neste caso, alunos de Administração possuem mais intenção empreendedora que alunos de Ciências Contábeis. O autor chama a atenção ao fato de que alunos de Administração são mais preparados para gerenciar um negócio, talvez, este fator sendo o mais determinante. Hecke (2011) ainda observou que a intenção de empreender é influenciada pela opinião de amigos e colegas.

Com base no trabalho de Hecke (2011), elaborou-se a sétima hipótese deste trabalho:

H8: alunos que realizam Agronegócio possuem maior intenção empreendedora.

Embora Barba-Sánchez e Atienza-Sahuquillo (2018) tenham manifestado que a intenção empreendedora faz parte de alunos de qualquer curso, preferiu-se manter a afirmativa de Hecek (2011), apoiado no trabalho de Almeida (2003), que destaca a importância do meio social para o surgimento de variáveis empreendedoras ao ser humano.

Maresch et al. (2016) destacam que a intenção empreendedora é dependente da educação empreendedora; ou seja, quanto mais o aluno for estimulado ao empreendedorismo, mais ele terá uma intenção empreendedora. Ao comparar alunos de negócios com os de engenharia, os autores não encontraram diferenças estatísticas de nível de intenção empreendedora. Por outro lado, alunos de negócios sentiram-se mais satisfeitos e atraentes pelo serem empresários, talvez pelo fato de terem um maior perfil, sendo que alunos de engenharia buscam mais oportunidade que realização pessoal.

Barba-Sánchez e Atienza-Sahuquillo (2018) estudaram a intenção empreendedora de alunos de engenharia e informática na Espanha e perceberem que o desejo de formar empreendedores faz parte do “novo” modelo de gestão educacional das universidades, incluindo praticamente todos os cursos, inclusive alunos de engenharia. Em relação a estes alunos, percebeu-se que a atuação da universidade de fato estimula a intenção empreendedora.

Esfandiar et al. (2019) analisaram a intenção empreendedora de estudantes de Turismo em Teerã e descobriu que as normas sociais, o conhecimento sobre o negócio, as oportunidades de mercado influenciam na intenção de empreender. Os mesmos autores descobriram que o desejo apareceu como uma variável mais intensa que possuir habilidades necessárias e inclusive a viabilidade para abrir um negócio. Esta descoberta sugere que a intenção empreendedora é mais intensa que a capacidade empreendedora, destacada a seguir.

Miranda, Chamorro-Mera e Rubio (2017) pesquisaram a intenção empreendedora de alunos Espanhóis e constataram que a intenção empreendedora é uma consequência das atitudes, ou seja, uma intenção que a pessoa tem de colocar em prática um empreendimento.

Tarapuez, García e Castellano (2018) analisaram a intenção empreendedora de universitários colombianos e perceberam que os aspectos socioeconômicos que alunos de universidades privadas e os que cursam a área de administração ou economia, e ainda, os que possuem um amigo empresário possuem mais chances de ter intenção empreendedora. Em relação aos aspectos pessoais, alunos de maior idade, casados, que possuem pais empreendedores, e pertencem às classes econômicas mais altas e possuem experiências de trabalho possuem mais chances de ter intenção empreendedora. Neste estudo não houve influência da intenção empreendedora devido ao gênero dos estudantes.

Carvalho e González (2006) esclarecem que a intenção empreendedora de alunos está relacionada com a atuação da universidade. Nesta mesma linha, Rocha, Silva e Simões (2012) estudaram o comportamento de alunos de Portugal e descobriram que a atuação da universidade contribui para que os alunos coloquem em prática a intenção empreendedora de alunos.

Corroborando com Carvalho e González (2006), Rocha, Silva e Simões (2012), Osório e Roldan (2015) estudaram a intenção empreendedora de alunos Colombianos. Seus estudos demonstram que pessoas próximas e professores influenciam na intenção empreendedora. Mais do que isto, os autores apontam uma relação entre intenção empreendedora e exposição prévia às atividades empreendedoras. Neste caso, alunos que tiveram contato com uma atividade empreendedora possuem mais chances de empreender.

Sendo mais objetivo, Martens e Freitas (2008) estudou a intenção empreendedora de alunos de Lajeado (RS) e descobriu que a disciplina de empreendedorismo contribui para que os alunos aumentem a sua intenção empreendedora, sendo que esta intenção ocorre especialmente por vontade própria. Os autores apontaram ainda o fato de a maioria dos alunos achar fundamental a disciplina de empreendedorismo nas grades curriculares de seus cursos.

Estas evidências amparam o surgimento da última hipótese deste trabalho:

H9: alunos que fizeram a disciplina de empreendedorismo têm mais intenção empreendedora.

Procedimentos metodológicos

O presente trabalho tem como metodologia um estudo empírico de natureza quantitativa e descritiva, contendo dados primários, coletados entre os meses de maio e setembro de 2017. Os questionários estruturados foram elaborados com base no trabalho de Schmidt e Bohnenberger (2009), Ferreira (2003) e Hecke (2011).

Schmidt e Bohnenberger (2009) criaram um instrumento para medir o perfil empreendedor por meio de 22 itens: (1) detectar oportunidades promissoras de negócio, (2) possuir habilidade em detectar oportunidades de negócio, (3) ter controle sobre os fatores críticos para uma plena realização profissional, (4) considerar-se uma pessoa mais persistente que as demais, (5) encontrar soluções criativas para problemas profissionais, (6) ter um plano de vida profissional, (7) ser frequentemente escolhido como líder em projetos ou atividades profissionais, (8) demais pessoas pedem opinião sobre os assuntos de trabalho, (9) opinião respeitada pelos demais, (10) haver planejamento no trabalho, (11) estudar a respeito de cada situação profissional que envolva algum tipo de risco, (12) ter os assuntos referentes ao trabalho sempre bem planejados, (13) preferir um trabalho repleto de novidades a uma atividade rotineira, (14) gostar de mudar a forma de trabalho sempre que possível, (15) relacionar-se facilmente com outras pessoas, (16) não gostar de ter sido pego de surpresa por fatos que poderia ter sido previsto, (17) acreditar em resultados de longo prazo analisando as vantagens de uma oportunidade de negócio, (18) influenciar a opinião de outras pessoas no ambiente de trabalho, (19) correr riscos em troca de possíveis benefícios, (20) influência dos contatos sociais sobre a vida profissional, (21) importância dos contatos sociais sobre a vida profissional, e (22) conhecer pessoas que podem auxiliar profissionalmente.

Os 22 itens propostos por Schmidt e Bohnenberger (2009) foram mensurados por uma escala Likert de 7 pontos e agrupados em cinco fatores; entretanto, neste trabalho não utilizou-se este agrupamento pelo fato de querer uma representação para todo o construto: perfil empreendedor.

Ferreira (2003) mediram a capacidade empreendedora por meio de uma escala de 7 itens, com base no trabalho de Hermenegildo (2002): (1) conhecimento de si mesmo, (2) apreender com a própria experiência, (3) dedicação,

motivação, (4) espírito para inovar, (5) análise de mercado, (6) Correr risco calculado e (7) planejamento empresarial.

Por fim, Hecke (2011) utilizaram 6 itens para medir a intenção empreendedora: (1) estar pronto a fazer de tudo para ser um empresário, (2) ter como objetivo profissional tornar-se um empresário, (3) concentrar esforços para criar e manter a empresa, (4) estar decidido a criar uma empresa, (5) pensar seriamente em criar uma empresa no futuro, e (6) possuir firme intenção em criar uma empresa em pouco dias. Estes itens foram mensurados por uma escala Likert 5 pontos.

Analisando os itens, percebeu-se que os três últimos (itens 4, 5 e 6) são parecidos, mudando praticamente o tempo verbal, mas mantendo o mesmo objetivo. Assim sendo, optando-se aqui, pela unificação deles. Portanto, neste trabalho, a intenção empreendedora foi mensurada por meio de 4 itens: (1) estar pronto a fazer de tudo para ser um empresário, (2) ter como objetivo profissional tornar-se um empresário, (3) concentrar esforços para criar e manter a empresa, (4) ter intenção de criar uma empresa no futuro.

Ao todo, utilizou-se então 33 itens, 22 para medir o perfil empreendedor, 7 para medir a capacidade empreendedora e 4 para medir a intenção empreendedora. Optou-se pela escala Likert de 5 pontos (1: discordo totalmente... 5: concordo totalmente) utilizada no trabalho de Hecke (2011) como régua padrão a todos os 32 itens. Esta adoção de uma régua padrão facilita a análise conjunta dos resultados e uma comparação entre eles.

Juntamente com os 33 itens de mensuração dos três construtos, foi inserida uma pergunta para saber se o aluno já teria feito disciplina de empreendedorismo. Foram convidados a responder o questionário alunos da Universidade Federal do Pampa (Campus Dom Pedrito) na qual possui cinco cursos de graduação: Agronegócios, Ciências da Natureza, Educação do Campo, Enologia e Zootecnia.

Antes de disponibilizar o questionário, realizou-se um pré-teste com dez alunos. Os questionários foram impressos e após visualização do mesmo, realizou-se a digitalização das questões no formato Google Forms. Não houve dúvidas em relação às questões, portanto, a versão inicial foi mantida e disponibilizada na plataforma já mencionada. Todos os alunos da universidade (em um total de 890) foram convidados a responder por e-mails. Os e-mails dos alunos foram disparados na lista de alunos, no qual contém o e-mail de todos os matriculados. Ao final, 111 alunos responderam à pesquisa, o que corresponde a uma taxa de retorno de 12,47%.

Após o encerramento da pesquisa, os dados foram exportados para o SPSS versão 21, ao qual, utilizou-se análise de médias, Teste-T e Anova para análise dos resultados.

Apresentação e análise dos resultados

Esta seção apresentará os resultados da pesquisa. Primeiramente será apresentado o perfil da amostra. Na sequência, serão apresentadas as médias dos itens, normalidade e estatística multivariada (Teste-T e Anova).

Tabela 1: Perfil da Amostra

Curso que Realiza	Frequência	Percentual
Agronegócio	52	46,8
Zootecnia	19	17,1
Enologia	16	14,4
Ciências da Natureza	12	10,8
Educação do Campo	12	10,8
Gênero	Frequência	Percentual
Feminino	73	65,8
Masculino	38	34,2
Possui Atividade Remunerada	Frequência	Percentual
Sim	60	54,1
Não	51	45,9
Possui Algum Negócio	Frequência	Percentual
Não	85	76,6
Sim	26	23,4

Fonte: dados da pesquisa

A Tabela 1 ilustra o perfil da amostra. Inicialmente observa-se uma predominância de alunos que cursam Agronegócio. Esta observação não foge muito a realidade da universidade, tendo em vista que é o curso na qual possui mais alunos. Constata-se ainda, uma amostra composta por sua maioria por mulheres, sendo esta, uma realidade dos assentos universitários, composta em sua maioria por mulher. Por outro lado, o grande número de alunos do Agronegócio e de mulheres chama a atenção.

Evidencia-se também, que pouco mais da metade dos alunos possui uma atividade remunerada sendo que uma minoria possui algum empreendimento.

Na sequência, questionou-se o fato de os alunos já terem realizado a disciplina de Empreendedorismo.

Tabela 2: Ter Cursado a Disciplina de Empreendedorismo

Ter Cursado a Disciplina de Empreendedorismo	Frequência	Percentual
Não	71	64
Sim	40	36

Fonte: dados da pesquisa

A Tabela 2 demonstra que a maioria dos alunos da Unipampa (Campos Dom Pedrito) que participaram da pesquisa ainda não realizou disciplina de empreendedorismo. Na sequência verificou-se a média e a normalidade dos itens que compuseram os construtos.

Tabela 3: Média, Desvio Padrão e Normalidade dos Itens

Itens	Média	Desvio Padrão	Assimetria		Curtose	
			Estatística	Erro Padrão	Estatística	Erro Padrão
PE1	3,297	1,1801	-0,431	0,229	-0,629	0,455
PE2	3,468	1,0516	-0,512	0,229	-0,311	0,455
PE3	3,694	0,9704	-0,685	0,229	0,249	0,455
PE4	3,766	1,0867	-0,644	0,229	-0,212	0,455
PE5	3,757	0,9460	-0,870	0,229	0,996	0,455
PE6	3,910	1,0579	-0,850	0,229	0,281	0,455
PE7	3,198	1,1818	-0,427	0,229	-0,475	0,455
PE8	3,892	1,0032	-0,990	0,229	0,874	0,455
PE9	3,910	1,0140	-1,149	0,229	1,293	0,455
PE10	3,856	1,1025	-0,952	0,229	0,451	0,455
PE11	3,811	1,1323	-0,728	0,229	-0,045	0,455
PE12	3,793	1,0541	-0,712	0,229	0,063	0,455
PE13	3,946	1,1587	-1,000	0,229	0,118	0,455
PE14	3,730	1,1751	-0,688	0,229	-0,373	0,455
PE15	4,135	1,0995	-1,192	0,229	0,523	0,455
PE16	3,991	1,0995	-1,235	0,229	1,216	0,455
PE17	3,378	1,3622	-0,519	0,229	-0,929	0,455
PE18	3,586	1,0485	-0,785	0,229	0,396	0,455
PE19	3,486	1,2125	-0,669	0,229	-0,424	0,455
PE20	3,207	1,2367	-0,345	0,229	-0,736	0,455
PE21	3,360	1,2045	-0,380	0,229	-0,697	0,455
PE22	3,550	1,2486	-0,514	0,229	-0,611	0,455
CE1	4,162	1,0228	-1,371	0,229	1,640	0,455
CE1	4,162	1,0228	-1,371	0,229	1,640	0,455
CE2	4,207	1,1291	-1,538	0,229	1,636	0,455
CE3	4,306	0,8821	-1,374	0,229	1,732	0,455
CE4	4,063	1,0469	-1,193	0,229	1,036	0,455
CE5	3,865	1,0044	-0,984	0,229	0,827	0,455
CE6	3,387	1,0195	-0,108	0,229	-0,554	0,455
CE7	3,450	1,1179	-0,450	0,229	-0,413	0,455
IE1	3,541	1,2194	-0,494	0,229	-0,682	0,455
IE2	3,892	1,2530	-0,950	0,229	-0,129	0,455
IE3	3,126	1,3626	-0,145	0,229	-1,105	0,455
IE4	3,928	1,3599	-1,038	0,229	-0,230	0,455

Fonte: dados da pesquisa

Pode-se constatar pela Tabela 3 que o item C3 (“posso motivação e dedicação”) é o que apresentou maior média. O resultado indica que de forma geral, alunos sentem-se motivados. Zampie e Takahashi (2011) já destacavam que a motivação faz parte da capacidade empreendedora; neste caso, podendo aperfeiçoar a capacidade empreendedora.

Ao analisar a assimetria e a curtose, observa-se que nenhum dos itens apresentou assimetria acima de 3 e curtose acima de 10, conforme recomendação de Kline (2011), indicando a normalidade dos dados, um pressuposto para utilização de técnicas paramétricas (Hair Jr. et al., 2005). Inicialmente observou-se a média dos construtos.

Tabela 4: Média e Desvio Padrão dos Construtos

Construto	Média	Desvio padrão
Perfil Empreendedor (PE)	3,794	0,8215
Capacidade Empreendedora (CE)	4,000	0,9342
Intenção Empreendedora (IE)	3,698	1,2000

Fonte: dados da pesquisa

A Tabela 4 indica que os alunos pesquisados possuem uma razoável capacidade empreendedora, já que o resultado da média ficou em 4, em uma escala de 1 a 5, onde 3 é o ponto central. Almeida (2003) destaca que a capacidade empreendedora é um importante, e quando ela existe, faz com que as pessoas tendem a enxergar melhor às oportunidades de mercado. Não obstante, as médias de Perfil Empreendedor e Intenção Empreendedora embora menores, foram próximas à 4, indicando que os alunos possuem razoável perfil e intenção de empreender.

Como destacado, é preterido que alunos possuem perfil, capacidade e intenção empreendedora e uma das formas que as universidades buscam fazer com que isto ocorra de uma maneira mais acintosa é oferecer disciplinas de empreendedorismo. Assim sendo, buscando verificar se o fato de ter cursado a disciplina de empreendedorismo afeta o perfil empreendedor, a capacidade empreendedora e a intenção empreendedora, realizou-se um Teste-T de amostras independentes para verificar a diferenças de médias entre os construtos de quem fez e de quem não fez a disciplina (Tabela 5).

Tabela 5: Capacidade Empreendedora entre Alunos que Cursaram Empreendedorismo

Construto	Realização da disciplina	Media	Desvio padrão	T	Significância
Perfil Empreendedor (PE)	Sim	3,825	0,930	0,631	0,530
	Não	3,774	0,759		
Capacidade Empreendedora (CE)	Sim	4,075	0,944	0,293	0,771
	Não	3,955	0,933		
Intenção Empreendedora (IE)	Sim	3,900	1,172	1,345	0,182
	Não	3,584	1,210		

Fonte: dados da pesquisa

A Tabela 5 apresenta a média de cada construto separadamente para quem já realizou ou não a disciplina de empreendedorismo, juntamente com o resultado do Teste-T de amostras independentes. Apesar de quem já ter realizado a disciplina de empreendedorismo ter uma média superior a quem não realizou em todos os construtos, esta diferença não é significativa (Sig. < 0,05). Isto quer dizer que de forma geral, não se pode afirmar que alunos que cursam a disciplina de empreendedorismo possuem mais capacidade empreendedora de quem não cursa.

Portanto, a **H3 não pode ser aceita**, contrariando os estudos de Rocha e Freitas (2014), o qual destacou que atividades empreendedoras aumentam o perfil empreendedor. Pelo menos, neste estudo, a disciplina empreendedora parece não ter surtido este efeito.

De igual forma, a **H6 não pode ser aceita**. Embora não fossem entrados trabalhos que confrontassem especificamente a capacidade empreendedora de alunos com a realização de atividades empreendedoras, Almeida (2003) argumentou que a capacidade empreendedora deriva do meio social, acreditando-se que este meio social observado pela disciplina, pudesse elevar a capacidade empreendedora, fato este que não se confirmou neste trabalho.

Por fim, a **H9 também não pode ser aceita**, contrariando as evidências de Carvalho e González (2006), Rocha, Silva e Simões (2012), Osório e Roldan (2015), os quais apontaram que as atividades empreendedoras oferecidas pela universidade afetam intenção empreendedora. Neste caso, não se pode afirmar que alunos nos quais fizeram a disciplina de empreendedorismo possuem maior intenção empreendedora.

A Tabela 6 analisa a diferença de níveis de perfil empreendedor, capacidade empreendedora e intenção de empreendedorismo para os alunos que possuem e os que não possuem um negócio.

Tabela 6: Capacidade Empreendedora entre Alunos que Possuem algum Negócio

Construto	Possuir Algum Negócio	Media	Desvio padrão	T	Significância
Perfil Empreendedor (PE)	Sim	3,961	0,999	0,936	0,355
	Não	3,741	0,758		
Capacidade Empreendedora (CE)	Sim	4,153	0,967	1,037	0,307
	Não	3,952	0,924		
Intenção Empreendedora (IE)	Sim	4,153	1,339	2,053	0,047*
	Não	3,559	1,127		

* Significante ao nível de 0,05

Fonte: dados da pesquisa

O mesmo teste realizado na Tabela 5 foi executado aos alunos que possuem algum negócio (Tabela 6). Em relação ao perfil empreendedor, embora o perfil empreendedor seja mais intenso para quem possui negócio, esta diferença não é significativa (Sig. < 0,05), **o que refuta a H1**. Embora Sieger et al. (2016) tenham realizado um estudo com fundadores de empresas em 34 países e descoberto que em tese eles possuam perfil empreendedor, neste estudo, não se pode afirmar que pessoas que tenham um negócio tenham um perfil empreendedor diferente, ou até mesmo, mais intenso de quem não tem.

De igual forma, não houve diferença estatística de capacidade empreendedora entre quem possui e não possui um negócio, **não havendo possibilidade de confirmar a H4**, não sendo possível apoiar os achados de Ferreira (2003) e Cunha Jr. (2009); os quais relataram que empresários possuem capacidade empreendedora.

Por outro lado, constatou-se que pessoas que possuem negócio têm uma intenção empreendedora maior das que não possui, **apoiando a H7**, o que corrobora com os estudos de Rocha e Freitas (2014), nos quais indicam que empreendedores seguem seus ideais. Neste caso, percebe-se que mesmo as pessoas já terem o seu negócio, buscam empreender e expandir, o que é benéfico para a economia e para a sociedade.

Por fim, constatou-se a diferença de perfil empreendedor, capacidade empreendedora e intenção de empreendedorismo entre os distintos cursos pesquisados (Tabela 7).

Tabela 7: Capacidade Empreendedora entre Alunos de Distintos Cursos

Construto	Curso que realiza	Media	Desvio padrão	Z	Significância
Perfil Empreendedor (PE)	Agronegócio	3,865	0,742	0,472	0,756
	Ciências da Natureza	3,833	0,577		
	Enologia	3,625	1,204		
	Educação do Campo	3,833	0,937		
	Zootecnia	3,684	0,749		
Capacidade Empreendedora (CE)	Agronegócio	4,115	0,832	0,357	0,838
	Ciências da Natureza	4,000	1,044		
	Enologia	3,937	1,388		
	Educação do Campo	3,917	1,083		
	Zootecnia	3,789	0,535		
Intenção Empreendedora (IE)	Agronegócio	3,990	1,117	2,073	0,089
	Ciências da Natureza	3,000	1,261		
	Enologia	3,468	1,056		
	Educação do Campo	3,541	1,372		
	Zootecnia	3,631	1,256		

Fonte: dados da pesquisa

A Tabela 7 demonstra a diferença de médias por meio do teste de Anova one way entre os diferentes cursos em relação aos construtos pesquisados. Constatou-se que não embora os alunos de Agronegócios tenham um perfil empreendedor, uma capacidade empreendedora e uma intenção empreendedora mais intensa que os demais cursos, esta diferença não é significativa (Sig. < 0,05), **não apoiando as hipóteses 2, 5 e 8.**

Apesar de não haver a confirmação dos achados de Almeida (2003), Hecke (2011) Sieger et al. (2016), os resultados apoiam o que disse Barba-Sánchez e Atienza-Sahuquillo (2018), ao afirmarem que a intenção empreendedora faz parte de alunos de qualquer curso; neste caso, de igual forma, o perfil e a capacidade empreendedora.

Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi analisar se alunos que fizeram a disciplina de empreendedorismo possuem mais intenso perfil empreendedor, capacidade empreendedora e intenção empreendedora em relação aos que não fizeram. Os resultados demonstram que o perfil empreendedor, a capacidade empreendedora e a intenção de empreender tentem a ser a mesma, tanto para alunos que realizaram a disciplina como para os que não realizaram a disciplina de empreendedorismo.

Este resultado aponta para duas evidências que podem ser investigadas na sequência. Primeiramente a disciplina de empreendedorismo, de repente, não contribuiu de forma expressiva para provocar um aumento nos construtos de empreendedorismo pesquisados, ou a disciplina de empreendedorismo dos cursos da universidade de Dom Pedrito não foi eficaz para provocar uma intensificação de perfil empreendedor, capacidade empreendedora e intenção de empreendedorismo, o que remete a um olhar pedagógico relevante para este contexto.

Embora a teoria aponte que práticas de empreendedorismo devam ser oferecidas aos acadêmicos (Dolabela, 1999; Ferreira, 2003; Jones e English, 2004; Hecke, 2011; Barba-Sánchez e Atienza-Sahuquillo, 2018; Chamorro-Mera e Rubio, 2017; Esfandiar et al., 2019), inclusive como disciplina de graduação (Dolabela, 1999; Jones e English, 2004; Hecke, 2011), é importante discutir a qualidade do oferecimento destas práticas, já que incidem diretamente na motivação e aprendizado. . O ideal, é que as disciplinas de empreendedorismo desenvolvam o perfil empreendedor, a capacidade empreendedora e a intenção de empreender dos alunos.

Buscou-se ainda, verificar se o perfil empreendedor, a capacidade empreendedora e a intenção de empreendedorismo é mais intensa para quem já possui um negócio e para quem estuda Agronegócios. Os resultados indicam que as pessoas nas quais possuem um negócio possuam uma intenção empreendedora mais elevada dos que não possuem negócio algum, apoiando as crenças de Rocha e Freitas (2014), nos quais indicam que empreendedores seguem seus ideais. Neste caso, dois aspectos podem acontecer, ou de fato, empreendedores empreenderam porque tinham uma intenção empreendedora mais elevada, ou, a intenção empreendedora se intensificou na medida em que a pessoa abriu o seu negócio, o que seria um resultado positivo, já que Ahmad e Hoffman (2008) esclarecem que empresas devem empreender a todo instante para ocasionar benefícios sociais.

Por outro lado, não foi constatado que ao possuir um negócio, os empreendedores tenham mais perfil empreendedor e capacidade empreendedora. Este achado é preocupante, visto que no Brasil, muitos pequenos negócios fecham em 5 anos de acordo com o SEBRAE. Assim sendo, é imprescindível que proprietários de negócios tenham um perfil para gerir o seu negócio e uma capacidade de empreender, já que, precisam se adaptar a natureza da sua profissão e acompanhar as tendências do mercado.

Possuir um negócio e não ter perfil e nem uma capacidade de empreender, coloca em risco toda a operação. Portanto, sugere-se que empreendedores busquem se qualificar e em alguns casos, deleguem atividades; já que, muitas vezes, o acúmulo de atividades pode levar ao estresse e a uma difícil adaptação às exigências do cargo.

Por fim, constatou-se que o tipo de curso não se relaciona com o perfil empreendedor, a capacidade empreendedora e a intenção de empreendedorismo, sendo que isto é preterido pelas universidades e apoiado por

Barba-Sánchez e Atienza-Sahuquillo (2018), os quais destacam que a universidade deve desenvolver e estimular o empreendedorismo para todos.

A principal limitação do estudo foi ter sido realizada em alguns cursos, o que possibilita generalizações. Como sugestão de pesquisa, recomenda-se que o mesmo estudo seja feito em outros locais e curso, para verificar se de fato, a disciplina de empreendedorismo surge pouco ou nenhum efeito sobre o perfil empreendedor, capacidade empreendedora e intenção empreendedora. Outra sugestão seria verificar se as pessoas que possuem negócio foram motivadas a abrir o mesmo em detrimento de uma maior intenção empreendedora. Por fim, recomenda-se uma investigação sobre a qualidade e a eficiência das disciplinas de empreendedorismo no Brasil.

Referências

- Aguiar, R. S. D. (2013). O empreendedorismo em universidades. *ComCiência*, (150), 0-0.
- Ahmad, N., & Hoffmann, A. (2008). *A framework for addressing and measuring entrepreneurship.*, 2008. 36 p. (OECD statistiscs working papers, 2008/2). Disponível em: <https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1090374>. Acesso em: 09/05/2017.
- Almeida, P. D. (2003). Da capacidade empreendedora aos activos intangíveis no processo de criação de empresas do conhecimento. *Universidade Técnica de Lisboa—Instituto Técnico Superior. Lisboa.*
- Barba-Sánchez, V., & Atienza-Sahuquillo, C. (2018). Entrepreneurial intention among engineering students: The role of entrepreneurship education. *European Research on Management and Business Economics*, 24(1), 53-61.
- Carvalho, P., & González, L. (2006). Modelo explicativo sobre a intenção empreendedora. *Comportamento Organizacional e Gestão*, 43-65.
- Cunha Jr., A. M. (2009). Mortalidade e sobrevivência das micro e pequena empresas no Estado da Paraíba. 2009. 103 f. Doctoral dissertation, *Dissertação (Mestrado em Economia)-Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB.*
- Dolabela, F. (1999). *Oficina do Empreendedor*. 1. ed. São Paulo: Cultura Editores Associados.
- Dolabela, F. (2004). *O segredo de Luísa: uma idéia, uma paixão e um plano de negócios: como nasce o empreendedor e se cria uma empresa*. São Paulo: Cultura.
- Esfandiar, K., Sharifi-Tehrani, M., Pratt, S., & Altinay, L. (2019). Understanding entrepreneurial intentions: A developed integrated structural model approach. *Journal of Business Research*, 94, 172-182.
- Ferreira, J. A. (2003). Formação de empreendedores: proposta de abordagem metodológica tridimensional para a identificação do perfil do empreendedor. *Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção.*
- Gonçalves, Eduardo; Cóser, Inaiara. (2014). O Programa de Incentivo à Inovação como mecanismo de fomento ao empreendedorismo acadêmico: a experiência da UFJF. *Nova Economia*, v. 24, p. 555-585.
- Hair Jr., J. F., Black, W. C., Babin, B. J., Anderson, R. E., & Tatham, R. L. (2005). *Análise multivariada de dados*. Porto Alegre: Bookman editora.
- Hecke, A. P. (2011). A intenção empreendedora dos alunos concluintes dos cursos de graduação em administração em ciências contábeis das instituições de ensino superior de Curitiba-PR.. *Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de São Paulo (USP), FEA - Programa de Pós-graduação em Contabilidade.*
- Jones, C., & English, J. (2004). A contemporary approach to entrepreneurship education. *Education+ training*, 46(8/9), 416-423.
- Kalar, B., & Antoncic, B. (2015). The entrepreneurial university, academic activities and technology and knowledge transfer in four European countries. *Technovation*, 36, 1-11.
- Kline, Rex B. (2011). *Principles and Practice of Structural Equation Modeling*. 3ª ed. New York: The Guilford Press.
- Kuratko, D. F. (2005). The emergence of entrepreneurship education: Development, trends, and challenges. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 29(5), 577-597.
- Kuratko, D. F., Ireland, R. D., & Hornsby, J. S. (2001). Improving firm performance through entrepreneurial actions: Acordia's corporate entrepreneurship strategy. *Academy of Management Perspectives*, 15(4), 60-71.

- Lopes, Rose Mary Almeida. (2010). *Educação Empreendedora: conceitos, modelos e práticas*. Rio de Janeiro: Elsevier.
- Maresch, D., Harms, R., Kailer, N., & Wimmer-Wurm, B. (2016). The impact of entrepreneurship education on the entrepreneurial intention of students in science and engineering versus business studies university programs. *Technological Forecasting and Social Change*, 104, 172-179.
- Martens, C. D. P., & Freitas, H. (2008). Influência do ensino de empreendedorismo nas intenções de direcionamento profissional dos estudantes. *Estudo e Debate*, 15(1), 71-95.
- Miranda, F. J., Chamorro-Mera, A., & Rubio, S. (2017). Academic entrepreneurship in Spanish universities: An analysis of the determinants of entrepreneurial intention. *European Research on Management and Business Economics*, 23(2), 113-122.
- Rocha, A., Silva, M. J., & Simões, J. (2012). Intenções empreendedoras dos estudantes do ensino secundário: o caso do programa de empreendedorismo na escola. *Dissertação de Mestrado em Empreendedorismo e Criação de Empresas da Universidade da Beira do Interior, Covilhã, Portugal*.
- Rocha, E. L. D. C., & Freitas, A. A. F. (2014). Avaliação do ensino de empreendedorismo entre estudantes universitários por meio do perfil empreendedor. *Revista de Administração Contemporânea*, 18, 465-486.
- Scarborough, N. M., Zimmerer, T. W. (1993). *Effective Small Business Management*. 4.^a ed. New York, NY: Macmillan Publishing Company.
- Schmidt, S., & Bohnenberger, M. C. (2009). Perfil Empreendedor e Desempenho Organizacional. *Revista de Administração Contemporânea*, 13, 450-467.
- SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. (2018). *Educação Empreendedora*. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/sebraeaz/a-proposta-de-educacao-empreendedor-do-sebrae,b741be061f736410VgnVCM2000003c74010aRCRD>>. Acesso em: 16/03/2018.
- Sieger, P., Gruber, M., Fauchart, E., & Zellweger, T. (2016). Measuring the social identity of entrepreneurs: Scale development and international validation. *Journal of Business Venturing*, 31(5), 542-572.